

## 1. O problema

A pesquisa que se segue surgiu de uma memória de infância a partir de uma forma de sociabilidade datada dos anos sessenta quando um grupo de familiares, principalmente, das mulheres negras moradoras do bairro do subúrbio, no espaço urbano distinguidas no contexto de subalternidade e resistência, criavam galinha no quintal de suas casas, matavam, limpavam, temperavam e assavam. Quando não, a galinha era comprada viva nos aviários, morta, preparada e consumida pela família todos os domingos. O ponto essencial que orienta a minha pesquisa é o hábito alimentar na vida cotidiana, uma prática compreendida nas relações sociais. Mais tarde, a galinha é comprada nos centros comerciais, no reordenamento dos caminhos da cidade evidenciado nas articulações de poder o que renova a condição de sabermos quem somos na urgência da multiplicidade de eus. Na proposta de explicação, o conhecimento do concreto das práticas sociais, o cotidiano nos situa e nos define dentro desse próprio mundo. A interpretação e o sentido dado às narrativas convertidas ao exercício da desigualdade nas formas de sociabilidades implicadas à alimentação.

A perspectiva aqui privilegia conteúdos, normas e valores como referência da compreensão sociológica nos limites de uma realidade social, suas contradições e os desafios determinados pelo racismo, evidenciado na pobreza, protagonizado pela à desigualdade, manifestado na violência, presente na segregação espacial, identificação das camadas mais baixas da sociedade.

Trata-se, também, da vida cotidiana das mulheres negras designadas aos valores da sociedade menos igualitários, empobrecida na sua condição humana, separada de uma construção sociológica, deslocada no campo histórico, político, midiático, desapropriada do cenário acadêmico, encarcerada de sentido no interior do discurso científico.